



Ciências da Saúde
no Brasil:
Impasses e
Desafios

4

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)



Ciências da Saúde
no Brasil:
Impasses e
Desafios
4

Isabelle Cerqueira Sousa
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Isabelle Cerqueira Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências da saúde no Brasil [recurso eletrônico] : impasses e desafios 4 / Organizadora Isabelle Cerqueira Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-426-9

DOI 10.22533/at.ed.269202509

1. Ciências da saúde – Pesquisa – Brasil. I. Sousa, Isabelle Cerqueira.

CDD 362.10981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios” é uma coletânea composta de nove obras, e aborda no seu quarto volume uma gama de temas no contexto da educação e formação acadêmica dos futuros profissionais da saúde.

A formação profissional na área da saúde demanda ações pedagógicas, metodologias ativas, atividades teórico-práticas, estágios e uma variedade de estratégias fundamentadas em bases epistemológicas, curriculares, metodológicas e contextuais da saúde. Nesse contexto a formação universitária deverá seguir as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), e portanto têm o desafio de flexibilizar os currículos, respeitando as diversidades, garantindo qualidade na formação e permitindo uma aproximação entre a formação e a realidade social, numa visão sistêmica que permita compreender saúde em todas as suas dimensões.

Essa obra apresenta um panorama da educação superior brasileira na saúde, perpassando temas generalistas, como a formação dos estudantes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Terapia ocupacional, e Fonoaudiologia, abordando a importância das atividades de extensão, iniciação científica, práticas e estágios profissionais, ligas acadêmicas, metodologias ativas de aprendizagem, simulações realísticas, metodologias de avaliação e também apresenta a visão docente quanto ao processo educativo, já que o papel do professor é fundamental para o ensino e aprendizagem, devendo considerar a interdisciplinaridade na construção do conhecimento e as características singulares de cada educando.

Dentre as metodologias que serão apresentadas aqui, um dos capítulos vai abordar métodos ativos para o ensino da instrumentação cirúrgica na graduação em enfermagem, no intuito de desenvolver as habilidades relacionados à prática no Centro Cirúrgico, destacando as situações simuladas como métodos ativos, em que o aluno treina os procedimentos que irá realizar posteriormente no campo de estágio real. Nessa mesma perspectiva, serão apresentados dois capítulos sobre “Simulação realística” na educação médica, a prática em simuladores de pacientes humanos que tem se tornado frequente no ensino das áreas da saúde, principalmente na formação de médicos, contribuindo para o raciocínio clínico e possibilitando diagnósticos, condutas e resolução de problemáticas envolvendo o contexto hospitalar e ambulatorial.

A transição do ensino secundário para o ensino superior implica um processo de adaptação à muitas exigências, e, portanto, torna-se difícil para alguns jovens manter estilos de vida saudáveis, por vezes eles se deparam com oportunidades de consumo de substâncias psicoativas. Um dos estudos desse volume, objetivou analisar a relação entre o consumo de substâncias psicoativas, os níveis de autoestima e qualidade de vida dos estudantes, contribuindo com informações para a implementação de programas de prevenção e de promoção de comportamentos saudáveis no ensino superior.

A obra é um convite aos leitores para usufruir temas inovadores sobre educação e formação universitária na área da saúde, a Editora Atena reuniu artigos cuja abordagem aproxima as fronteiras da Educação com a Saúde, oportunizando saborear temáticas importantes para o engrandecimento da docência, do processo de ensino e aprendizagem na formação universitária.

Isabelle Cerqueira Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FORMAÇÃO DOS EGRESSOS DOS CURSOS DE TERAPIA OCUPACIONAL, FISIOTERAPIA E FONOAUDIOLOGIA ANTES E APÓS A IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO

Emilyn Borba da Silva

Elenir Fedosse

DOI 10.22533/at.ed.2692025091

CAPÍTULO 2..... 16

INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO NA ATENÇÃO BÁSICA EM SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA

Fernanda Eloy Schmeider

Ivete Palmira Sanson Zagonel

Jonatan Schmeider

DOI 10.22533/at.ed.2692025092

CAPÍTULO 3..... 32

O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO CURSO DE ENFERMAGEM PARA A COMPREENSÃO DA DISPOSOFOBIA

Tamires Elisa Gehr

Adriana Cristina Franco

Andressa Przibiciem

Isabella Vanelli

Letícia dos Santos Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.2692025093

CAPÍTULO 4..... 38

O PAPEL DAS LIGAS ACADÊMICAS DE EMERGÊNCIA NO FORTALECIMENTO DA REDE DE ATENÇÃO ÀS URGÊNCIAS

Magda Milleyde de Sousa Lima

Natália Ângela Oliveira Fontenele

Maria Aline Moreira Ximenes

Cristina da Silva Fernandes

Joselany Áfio Caetano

Lívia Moreira Barros

DOI 10.22533/at.ed.2692025094

CAPÍTULO 5..... 44

MÉTODOS ATIVOS PARA O ENSINO DA INSTRUMENTAÇÃO CIRÚRGICA NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Daniele Lima dos Anjos Reis

Maria Yasmin da Silva Moia

Carlos André de Souza Reis

Renata Campos de Sousa Borges

Milena Coelho Fernandes Caldato

Leandro de Assis Santos da Costa

Nara Macedo Botelho
José Ronaldo Teixeira de Sousa Junior
Ismaelino Mauro Nunes Magno
Ana Caroline de Oliveira Coutinho
Rafael Vulcão Nery
Patrick Nery Igreja

DOI 10.22533/at.ed.2692025095

CAPÍTULO 6..... 55

VIVÊNCIA DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM SOBRE A UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO DO MUNICÍPIO DE IGUATU

Francisco Werbeson Alves Pereira
Antonia Benta Da Silva Pereira
Nara Jéssica Alves de Souza
Ana Clara Santos Rodrigues
Beatriz Gonzaga Lima
Ludmilly Almeida Barreto
Moziane Mendonça de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.2692025096

CAPÍTULO 7..... 60

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO GESTORA DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA VIGILÂNCIA SANITÁRIA

Raíssa Isabella Pereira de Souza Madureira

DOI 10.22533/at.ed.2692025097

CAPÍTULO 8..... 64

INTERFACE ENTRE O ENSINO MÉDICO E O FUNDAMENTAL POR MEIO DO LÚDICO

Lucas Ventura Hoffmann
Adriana Cristina Franco
Ana Paula Michaelis Ribeiro
Izabel Cristina Meister Martins Coelho

DOI 10.22533/at.ed.2692025098

CAPÍTULO 9..... 68

CONTATO DE UM ACADÊMICO DE MEDICINA COM A PRÁTICA: OS PROJETOS DE EXTENSÃO NO APRENDIZADO MÉDICO

Rafael Senff Gomes
Leide da Conceição Sanches

DOI 10.22533/at.ed.2692025099

CAPÍTULO 10..... 72

UTILIZAÇÃO DA SIMULAÇÃO REALÍSTICA EM UMA UNIDADE DE ENSINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

João Victor Silva
José Vinícius Caldas Sales
Amélia Aparecida Carvalho Neto de Moura
Ramilli Pereira de Souza Cardoso

André Marinho Vaz
Pascale Gonçalves Massena
Rafael de Oliveira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.26920250910

CAPÍTULO 11..... 76

SIMULAÇÃO REALISTICA COMO MODIFICADORA DO ENSINO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

José Vinícius Caldas Sales
João Victor Silva
Pascale Gonçalves Massena
Rafael de Oliveira Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.26920250911

CAPÍTULO 12..... 80

IMPLEMENTAÇÃO DA PROVA OSCE NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Pascale Gonçalves Massena
Rafael de Oliveira Carvalho
Juliana Camargo de Melo Pena
Juliana Barroso Rodrigues Guedes
Cristina Maria Ganns Chaves Dias

DOI 10.22533/at.ed.26920250912

CAPÍTULO 13..... 85

ATIVIDADES PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DE MÉDICOS COM USO DE METODOLOGIAS ATIVAS

Jaciane Cardoso Leandro
Larissa Dill Gazzola
Gustavo Watanabe Lobo
Adriana Cristina Franco
Izabel Cristina Meister Martins Coelho

DOI 10.22533/at.ed.26920250913

CAPÍTULO 14..... 89

AS LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA E A FORMAÇÃO MÉDICA NO SUS

Adeildo de Sousa Magalhães
Álvaro Luiz Vieira Lubambo de Britto
Carlos Ramon da Anunciação Rocha
Gabriel dos Santos Dias
Joyce Alencar Andrade
Mariana de Souza Novaes Barros
Rebecca Leão Feitoza de Brito

DOI 10.22533/at.ed.26920250914

CAPÍTULO 15..... 98

A IMPORTÂNCIA DE PROJETOS DE EXTENSÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) PARA DISCENTES DO CURSO DE MEDICINA

Luana Cristina Farias Castro
Caroline Saraiva Machado
Lucas Carvalho Soares
Pauliane Miranda dos Santos
Raul Sá Rocha
Esther Barata Machado Barros
Carolina Lustosa de Medeiros
Estevão Cardoso Nascimento
Raysa Maria Silva de Araujo
Pedro Paulo Lopes Machado
Clesivane do Socorro Silva do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.26920250915

CAPÍTULO 16..... 101

O OLHAR DOCENTE SOBRE AS AULAS PRÁTICAS NO GERENCIAMENTO DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Micheli da Rosa Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.26920250916

CAPÍTULO 17..... 105

INFLUÊNCIA DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO NA QUALIDADE DE VIDA DE DOCENTES ENFERMEIROS

Mônica Santos Amaral
Andréa Cristina de Sousa
Milara Barp
Raquel Rosa Mendonça do Vale
Hadirgiton Garcia Gomes de Andrade
Tainara Sardeiro de Santana

DOI 10.22533/at.ed.26920250917

CAPÍTULO 18..... 116

A VIVÊNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA: ENGAGEMENT E BURNOUT DE DOCENTES À LUZ DA PROBLEMATIZAÇÃO

Lucas Filadelfo Meyer
Letícia dos Santos Gonçalves
Tamires Elisa Gehr
Débora Maria Vargas Makuch
Juliana Ollé Mendes
Ivete Palmira Sanson Zagonel

DOI 10.22533/at.ed.26920250918

CAPÍTULO 19..... 124

CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS, AUTOESTIMA E SATISFAÇÃO COM A VIDA EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Rodrigo Costa

Sara Rocha
Melissa Andrade
Teresa Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.26920250919

SOBRE A ORGANIZADORA..... 141

ÍNDICE REMISSIVO..... 142

CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS, AUTOESTIMA E SATISFAÇÃO COM A VIDA EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Data de aceite: 01/09/2020

Rodrigo Costa

Birmingham City University (Reino Unido)

Sara Rocha

ISMAI (Portugal)

Melissa Andrade

Universidade dos Açores (Portugal)

Teresa Medeiros

Universidade dos Açores (Portugal)

RESUMO: A frequência do ensino superior está frequentemente associada à adoção de comportamentos de risco, nomeadamente ao consumo de substâncias psicoativas, particularmente do álcool e de *cannabis*. A relação entre consumo de substâncias psicoativas e as variáveis autoestima e satisfação com a vida dos estudantes não tem sido muito estudada. A presente investigação, exploratória e quantitativa, com base numa amostra de 114 estudantes do ensino superior visou: i) caracterizar o consumo de substâncias psicoativas nos estudantes; ii) verificar se o consumo de substâncias psicoativas varia em função do sexo; iii) compreender o consumo de álcool na sua relação com a autoestima e a satisfação com a vida; iv) conhecer o consumo de *cannabis* na sua associação com a autoestima e a satisfação com a vida; e v) verificar se a autoestima e a satisfação com a vida são variáveis preditoras

do consumo de álcool e/ou do consumo de, pelo menos, outra substância psicoativa. Para a recolha de dados utilizaram-se três instrumentos: o Questionário de Consumo de Substâncias, a Escala de Autoestima de Rosenberg e a Escala de Satisfação com a Vida (ambas as escalas em versão traduzida e validada). Conclui-se que o álcool foi a substância mais consumida, seguida do consumo de *cannabis*. Relativamente à variável sexo, não se verificaram diferenças significativas no consumo de álcool; porém, observaram-se diferenças significativas para as outras substâncias psicoativas estudadas. Os níveis de autoestima e de satisfação com a vida não diferiram significativamente entre o grupo dos estudantes consumidores de álcool e *cannabis*. As variáveis autoestima e satisfação com a vida não foram variáveis preditoras do consumo. Discutem-se as implicações dos resultados do estudo, bem como as suas limitações do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: estudantes universitários; consumo de substâncias; autoestima; satisfação com a vida; adultez emergente.

ABSTRACT: Being a higher education student is often linked with the engagement in risky behaviours, namely the use of psychoactive substances, alcohol and cannabis in particular. There is limited research on the relationship between psychoactive substance use and the variables self-esteem and satisfaction with life. The present exploratory and quantitative study, using a sample of 114 participants (higher education students) aimed to: i) characterise the use of psychoactive substances among the students; ii) examine whether psychoactive

substance use differs between the students' genders; iii) explore self-esteem and satisfaction with life between alcohol users and non-alcohol users; iv) explore self-esteem and satisfaction with life between cannabis users and non-cannabis users; and v) examine whether self-esteem and satisfaction with life significantly predict alcohol use and/or the use of at least one other psychoactive substance excluding alcohol. Three measures were used: Questionnaire in Substance Use, Rosenberg Self-Esteem Scale (translated and validated version), and Satisfaction With Life Scale (translated and validated version). It was found that alcohol use was prevalent and that cannabis was the most frequently used substance after alcohol. Only the use of substances besides alcohol was found to significantly differ between genders. Levels of self-esteem and satisfaction with life between alcohol and non-alcohol users, and cannabis and non-cannabis users, did not differ significantly. Self-esteem and satisfaction with life did not significantly predict substance use. The implications of these findings, as well as the limitations of this study, are discussed.

KEYWORDS: university students; substance use; self-esteem; satisfaction with life; emerging adulthood.

INTRODUÇÃO

A transição do ensino secundário para o ensino superior implica um processo de adaptação a novas exigências e tarefas desenvolvimentais, nomeadamente: gerir o tempo e as atividades requeridas à vivência académica sem supervisão, gerir o trabalho académico de forma autónoma e independente, estabelecer relações com novos pares, administrar dinheiro e adquirir estratégias de *coping* e de resiliência. Segundo Matos (2015 cit in Medeiros, 2020), com esta transição e consequentes adaptações, torna-se difícil para os jovens adotar e manter estilos de vida saudáveis. Este tempo de vivência académica superior, repleto de mudanças desenvolvimentistas, rumo à maturidade, tem sido entendido como um período de desenvolvimento do estudante do ensino superior, marcadamente diferenciado da adolescência e da adultez, denominado de *adultez emergente*, que existe na maioria dos países industriais e pós-industriais. Por *adultez emergente* entende-se o período de desenvolvimento entre os 18 e os 25 anos, caracterizado, sobretudo pela vivência do sentimento “in-between”, autocentração, instabilidade, perceção de inúmeras possibilidades e exploração da identidade (Arnett, 2000, 2004).

As exigências da frequência do ensino superior concorrem para níveis de exploração e afirmação identitária dos estudantes, no entanto, podem desencadear níveis elevados de stresse, depressão e baixa autoestima (Skidmore, Kaufman e Crowell, 2016). Consequentemente, os estudantes do ensino superior estão mais vulneráveis a apresentar comportamentos de risco, entre os quais o consumo de substâncias psicoativas (Araújo, 2015).

As substâncias psicoativas são um grupo de substâncias químicas que, agindo principalmente no sistema nervoso central, produzem alterações nas sensações, no grau de consciência e/ou no estado emocional, de forma propositada ou não intencional (Silveira

& Silveira, 2017). Os seus efeitos variam de acordo com o indivíduo que as consome, com a substância utilizada e a quantidade, e com as circunstâncias em que a substância é consumida (cf. Patrício, 2020; 2013; 2006; 2002). Existem três principais grupos de substâncias psicoativas, com base nos efeitos que provocam: as substâncias depressoras, estimulantes e perturbadoras (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2018). O primeiro grupo tem um efeito depressor no sistema nervoso, resultando na diminuição da velocidade de transmissão dos impulsos nervosos e das funções corporais, na perda do tônus muscular e na reduzida capacidade de sentir dor. Alguns exemplos de substâncias desta categoria são o álcool, as benzodiazepinas e os opioides (e.g., a heroína e a morfina). As substâncias estimulantes provocam a aceleração da atividade do sistema nervoso, o que faz com que o indivíduo apresente sintomas como a hipervigilância, a euforia e o batimento cardíaco acelerados. A cocaína, as anfetaminas, a nicotina e a cafeína são substâncias que se enquadram neste grupo. Por último, as substâncias perturbadoras são aquelas que causam alterações na transmissão dos impulsos nervosos, resultando em alterações no estado de consciência, dissociação e distorções da realidade (e.g., alucinações e delírios). Algumas das substâncias com estes efeitos são o ácido lisérgico (i.e., vulgo LSD, “ácido”) e a psilocibina (i.e., cogumelos alucinógenos, “mágicos”).

Dentro das substâncias psicoativas, as mais prevalentes no ensino superior são o álcool (e.g., Medeiros, 2013, 2017) e a *cannabis*, sendo que este consumo tende a manter-se ao longo de todo o período de frequência do ensino superior (Arria et al., 2008; Borrego et al., 2013; Araújo, 2015; Araújo & Medeiros, 2020). Embora o consumo de álcool seja mais precoce e frequente em níveis de ensino anteriores (Medeiros, 2013; Rosenbaum, no prelo), no ensino superior o seu consumo torna-se mais comum e bebido em maiores quantidades, levando a episódios de excessos (“bebedeiras”) frequentes (Abreu et al., 2018) e comportamentos de *binge drinking* (Medeiros, 2013, 2017; Araújo, 2015; Araújo & Medeiros, 2020).

O *binge drinking*, ou consumo excessivo de álcool episódico, pode ser definido como a ingestão, num curto espaço de tempo, de cinco ou mais bebidas alcoólicas consecutivas no sexo masculino e quatro ou mais bebidas no sexo feminino (cf. Borrego et al., 2013; Medeiros, 2013; Cardoso et al., 2015; Araújo, 2015). Bedendo e colaboradores (2017) referem que este é um dos padrões de uso de álcool mais comuns entre estudantes do ensino superior, indo no mesmo sentido dos autores já referidos.

Os estudos recentes evidenciam que a maioria dos estudantes universitários consome álcool (Miech et al., 2015). Estes autores observaram que cerca de 79% dos estudantes consumiu álcool nos 3 meses anteriores à recolha de dados e 51,6% relatou *binge drinking*. No mesmo sentido, Santos (2011) num estudo com uma amostra portuguesa evidenciou uma percentagem de consumo de álcool a ultrapassar os 70%. O consumo de álcool tende a aumentar do primeiro para o segundo ano (Medeiros 2013; Araújo, 2015) e, quando excessivo, tem consequências negativas para o próprio e para os outros (Perkins,

2002).

Existe um padrão de consumo de álcool mais frequente e exuberante durante as festas acadêmicas (Medeiros, 2013), mormente inserido numa cultura de rituais festivos e de noite de fim de semana (Medeiros, 2013, 2017; Araújo & Medeiros, 2020); trata-se de um consumo associado aos pares e amigos e à representação de descontração e divertimento.

O comportamento de consumo de álcool está associado ao consumo de outras substâncias (Jones et al., 2001). No que respeita às substâncias que não são de venda livre, estudos epidemiológicos indicam que aproximadamente 26% de estudantes do ensino superior do sexo masculino e 19,2% do sexo feminino manifestam o consumo destas substâncias (Agência de Serviços em Abuso de Substâncias e Saúde Mental dos Estados Unidos, 2014). O consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino superior está associado ao baixo rendimento académico, problemas de saúde e outros comportamentos de risco (e.g., relações sexuais desprotegidas), problemas com a lei, uso e abuso de substâncias na adultez e mortalidade (Arria et al., 2008). Em alguns adultos emergentes, este tipo de consumo pode interferir na sua transição para a adultez, nomeadamente na conclusão do ensino superior (Rosenbaum, no prelo). Os indivíduos do sexo masculino tendem a apresentar maiores níveis de consumo de substâncias psicoativas, bem como maior frequência de consumo, comparativamente aos do sexo feminino (McCabe et al., 2005; Silva & Petroski, 2012; Miech et al., 2015).

O presente estudo tem como principal objetivo conhecer o consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino superior e analisar a relação entre consumo e os níveis de autoestima e de satisfação com a vida. Esta última análise incide em duas substâncias específicas, o álcool e a *cannabis*, dada a prevalência do consumo das mesmas nesta população. Neste sentido, os objetivos desta investigação são os seguintes: i) caracterizar o consumo de substâncias psicoativas nos estudantes; ii) verificar se o consumo de substâncias psicoativas varia em função do sexo; iii) compreender o consumo de álcool na sua relação com a autoestima e a satisfação com a vida; iv) conhecer o consumo de *cannabis* na sua associação com a autoestima e a satisfação com a vida; e v) verificar se a autoestima e a satisfação com a vida são variáveis preditoras do consumo de álcool e/ou do consumo de, pelo menos, outra substância psicoativa.

MÉTODO

No presente estudo, de natureza quantitativa e exploratória, para analisar os dados recorreu-se à estatística descritiva e à utilização de testes paramétricos e não paramétricos, designadamente ao teste qui-quadrado de independência, teste-*t* para

amostras independentes e testes de regressão logística.

Amostra

A amostra do estudo é composta por 114 estudantes provenientes de oito universidades ibero-latinas (não identificadas por uma questão ética), dos quais 28 são do sexo masculino (24,6%), 85 do sexo feminino (74,6%) e um estudante não referiu o sexo/gênero. As idades variam entre os 18 e os 48 anos ($M = 22,23$; $DP = 4,29$), sendo que a maioria dos participantes tem idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (89,5%), considerados adultos emergentes. Apenas 10 estudantes possuem idades entre os 26 e os 35 anos (8,9%) e dois superiores a 35 anos (1,8%). Os estudantes frequentam os três anos da graduação: 1º ano (23,7%); 2º ano (33,3%) e 3º ano (19,3%). Socioeconomicamente, os estudantes da amostra consideram pertencer à classe baixa – 5,3%, média-baixa - 57%, média-alta – 36,8% e classe alta – 0,9%.

Instrumentos

Para a recolha de informações foram utilizados três instrumentos: um Questionário de Consumo de Substâncias Psicoativas, e duas escalas – a Escala de Autoestima Rosenberg e a Escala de Satisfação com a Vida –, ambas nas suas versões traduzidas e validadas.

O Questionário de Consumo de Substâncias Psicoativas visou recolher informações relacionadas com variáveis sociodemográficas (e.g., sexo/gênero, idade, ano de frequência do curso, classe socioeconómica de pertença, etc.) e o consumo de substâncias psicoativas, mais especificamente a existência de consumo, a frequência e o tipo de substâncias consumidas (e.g., bebidas alcoólicas, *cannabis*, haxixe, sintéticas, anfetaminas, calmantes, cocaína e alucinógenos).

A autoestima, considerada “uma componente avaliativa e valorativa do individuo acerca de si próprio” (Rodrigues, 2014, p. 22), abrange todas as características do sujeito aos mais diversos níveis (e.g., competências sociais, forma física, rede familiar) e é caracterizada por variar consoante os momentos e circunstâncias da vida do individuo tendo, assim, um caráter dinâmico, e por representar um fator de equilíbrio quando em níveis altos (Rodrigues, 2014). A autoestima foi avaliada através da versão traduzida e adaptada para a população portuguesa por Seco (1991) da Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES; Rosenberg, 1965), composta por dez itens, enquadrados numa escala de tipo *Likert* com quatro pontos, desde o zero (“Discordo muito”) ao três (“Concordo muito”). A pontuação situa-se entre um mínimo de 10 e um máximo de 40 pontos. Foi utilizada a pontuação total da escala, sendo que pontuações mais elevadas indicam níveis mais elevados de autoestima. Esta escala apresentou um valor alfa de *Cronbach* $\alpha = 0,91$, considerado um valor de consistência interna excelente (Nunnally, 1978).

A variável Satisfação com a Vida foi avaliada através da versão traduzida e adaptada da Escala de Satisfação com a Vida (SWLS; Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985),

na sua versão validada por Simões (1992), a qual avalia a satisfação com a vida de um indivíduo mediante os julgamentos cognitivos globais por ele evidenciados. Este construto assenta numa avaliação global realizada pelo próprio sujeito. Mais especificamente, diz respeito a como o indivíduo avalia a sua qualidade de vida no geral, de acordo com os seus próprios critérios, resultando numa comparação entre as suas expectativas e as suas efetivas circunstâncias de vida (Diener, Oishi & Lucas, 2003). A escala utilizada conta com cinco itens cotados de 1 “(Discordo muito)” a 5 (“Concordo muito”), variando a sua pontuação entre um mínimo de cinco e um máximo de 25 pontos. Foi utilizada a pontuação total da escala, correspondendo às pontuações mais elevadas os níveis mais elevados de satisfação com a vida. Esta escala revelou uma boa consistência interna (Nunnally, 1978) na amostra em estudo, com um valor alfa de *Cronbach* $\alpha = 0,88$.

Procedimentos

Foi criado um formulário *online* recorrendo à plataforma *Google Docs*, que foi partilhado em redes sociais, tendo sido assegurados o anonimato e a confidencialidade dos dados fornecidos pelos participantes. Os participantes preencheram um Termo de Consentimento e Esclarecido. Foi obtido um total de 131 instrumentos preenchidos, dos quais 17 foram excluídos, devido ao não cumprimento dos requisitos necessários à participação no estudo (e.g., falta de informação essencial). A análise dos dados recolhidos foi efetuada recorrendo ao software SPSS (*Social Package for the Social Sciences*), versão 24, e foram selecionados testes estatísticos em função dos objetivos em estudo.

RESULTADOS

Consumo de substâncias

Para conhecer e caracterizar o consumo de substâncias dos estudantes do ensino superior da amostra determinou-se as frequências relativas às diferentes substâncias psicoativas (cf. Figura 1). Observou-se que as substâncias com consumo mais expressivo foram as depressoras: o álcool (79,8%) e a *cannabis* (52,6%). As substâncias perturbadoras tiveram níveis de consumo médios: haxixe (31,6%), sintéticas (17,5%) e alucinogénios (14,0%). As substâncias menos consumidas foram as substâncias estimulantes: a cocaína (13,20%) e as anfetaminas (1,8%). Verificou-se, igualmente, que a maioria dos participantes (54,4%) indicou o consumo de, pelo menos, uma substância que não é de venda livre.

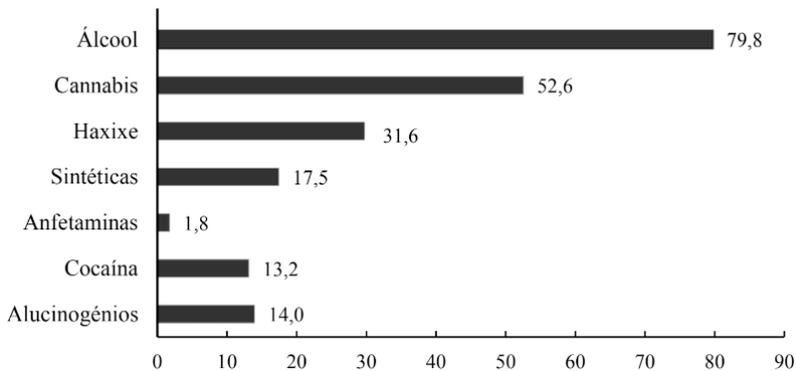


Figura 1: Percentagens de Consumo dos estudantes por Substância Psicoativa

Saliente-se que apenas 21,4% dos estudantes e 20% das estudantes referiu que não consumia álcool.

Consumo de álcool em função dos sexos

Para compreender se o consumo de álcool estava associado ao sexo foi realizado um teste de qui-quadrado de independência 2x2 (Tabela 1), tendo-se verificado que o sexo e o consumo de álcool não estão associados (i.e., são independentes) nesta amostra, dado que os valores de $\chi^2(1) = 0,03$; $p = 0,871$. É possível constatar que as contagens observadas e esperadas relativamente ao consumo de álcool são semelhantes em ambos os sexos. Por outras palavras, os níveis de consumo de álcool são semelhantes nos homens e nas mulheres estudantes da amostra.

Diferenças do Consumo de Álcool entre Sexos

		Masculino	Feminino	χ^2	Valor de p
Consumo	Contagem Observada	6	17	0,03	0,871
	Contagem Esperada	5,7	17,3		
Ausência de Consumo	Contagem Observada	22	68		
	Contagem Esperada	22,3	67,7		

Tabela 1

A variável “Consumo total de substâncias psicoativas” foi calculada através da soma de todos os consumos de substâncias isoladas (sendo que ao consumo de uma substância foi atribuído o valor 1). A distribuição desta variável foi examinada e revelou ser fortemente assimétrica (valor da assimetria = 0,97; erro padrão da assimetria = 0,23; valor da curtose = 0,28; erro padrão da curtose = 0,45), não tendo sido verificada normalidade, $D(114) = 0,23$,

$p < 0,01$. Assim, foi criada uma nova variável através da transformação da raiz quadrada da variável original, tendo o valor absoluto da assimetria descido de 10,971 para 10,291. Esta nova variável foi utilizada em todas as análises subsequentes. De forma a explorar o consumo de substâncias entre os dois sexos, utilizou-se um teste- t para amostras independentes (Tabela 2), não tendo sido observadas diferenças estatisticamente significativas, $t(111) = 1,89$, $p = 0,062$ ($M = 2,61$ no sexo masculino; $M = 1,89$ no sexo feminino).

Diferenças de Consumo Total entre Sexos

		n	Média (M)	t	Valor de p
Total de Consumo	Masculino	28	2,61	1,89	0,062
	Feminino	85	1,89		

Tabela 2

Para verificar se o consumo de, pelo menos, uma substância psicoativa (excluindo o álcool) estava associado ao sexo, foi realizado um teste de qui-quadrado de independência 2x2 (Tabela 3), tendo-se verificado que o sexo e este tipo de consumo estão associados (i.e., não são independentes) nesta amostra, dado que os valores de $\chi^2(1) = 4,56$; $p = 0,033$. É possível verificar que a contagem observada relativamente ao consumo de outra substância psicoativa (excluindo o álcool) no sexo masculino ($n = 20$) foi superior à esperada ($n = 15,1$), ocorrendo o contrário no sexo feminino (a contagem observada, $n = 41$, foi inferior à esperada, $n = 45,9$).

Diferenças do Consumo de Substâncias Psicoativas, exceto o Álcool, entre Sexos

		Masculino	Feminino	χ^2	Valor de p
Consumo	Contagem Observada	20	41	4,56	0,033
	Contagem Esperada	15,1	45,9		
Ausência de Consumo	Contagem Observada	8	44		
	Contagem Esperada	12,9	39,1		

Tabela 3

Por outras palavras, os homens consomem significativamente mais do que as mulheres, pelo menos, uma substância psicoativa que não o álcool.

Consumo de álcool na sua relação com a autoestima e a satisfação com a vida

A distribuição da variável “Satisfação com a vida” foi analisada e revelou ter uma curtose elevada (valor da assimetria = -0,37; erro padrão da assimetria = 0,23; valor da

curtose = -0,77; erro padrão da curtose = 0,45), não tendo sido verificada normalidade, $D(114) = 0,10$, $p = 0,006$. Assim, criou-se uma variável transformada a partir da raiz quadrada dos valores originais, tendo o valor absoluto da curtose descido de 10,771 para 10,031. Esta nova variável foi utilizada nas análises subsequentes.

Realizaram-se testes- t para amostras independentes por forma a analisar diferenças estatísticas entre os níveis de autoestima e de satisfação com a vida nos participantes que consumiam álcool e nos que não consumiam (Tabela 4). Ambos os grupos apresentaram níveis de autoestima semelhantes ($M = 20,70$ não consumidores de álcool; $M = 19,81$ consumidores de álcool), não tendo sido verificadas diferenças estatisticamente significativas [$t(112) = 0,61$, $p = 0,545$].

Diferenças de Autoestima e Satisfação com a Vida entre Consumidores de Álcool e Não Consumidores

		N	Média	Desvio padrão	t	Valor de p
SWLS	Ausência de Consumo	23	16,52	6,07	-0,28	0,779
	Consumo	91	16,53	5,07		
RSES	Ausência de Consumo	23	20,70	5,45	0,61	0,545
	Consumo	91	19,81	6,41		

Tabela 4

Nota. SWLS = Escala de Satisfação com a Vida; RSES = Escala de Autoestima de Rosenberg. Pontuações mais elevadas indicam níveis mais elevados destes constructos.

Os consumidores e os não consumidores de álcool revelaram também níveis de satisfação com a vida semelhantes ($M = 16,52$ e $M = 16,53$, respetivamente). Consequentemente, verificou-se uma ausência de diferenças estatisticamente significativas em termos de satisfação com a vida entre estes dois grupos de estudantes [$t(112) = -0,28$, $p = 0,779$].

Consumo de cannabis na sua relação com a autoestima e a satisfação com a vida

Dado que a *cannabis* foi a substância de venda não livre mais consumida pelos estudantes (52,6%), foram igualmente realizados testes- t para amostras independentes (Tabela 5), por forma a explorar eventuais diferenças nos níveis de autoestima e de satisfação com a vida entre os consumidores e não consumidores. Ambos os grupos revelaram níveis de autoestima semelhantes (consumidores $M = 19,70$; não consumidores $M = 20,31$), pois, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os

mesmos [$t(112) = 0,53, p = 0,600$].

Diferenças de Autoestima e a Satisfação com a Vida entre Consumidores de Cannabis e Não Consumidores

		n	Média (M)	Desvio padrão	t	Valor de p
SWLS	Ausência de Consumo	23	16,80	5,24	-0,40	0,690
	Consumo	91	16,28	5,31		
RSES	Ausência de Consumo	23	20,31	6,37	0,53	0,600
	Consumo	91	19,70	6,12		

Tabela 5SWLS = Escala de Satisfação com a Vida; RSES = Escala de Autoestima de Rosenberg. Pontuações mais elevadas indicam níveis mais elevados destes constructos.

Também, o grupo que consumia *cannabis* ($M = 19,70$) e o grupo que não consumia esta substância ($M = 20,31$) revelaram níveis de satisfação com a vida semelhantes [$t(112) = -0,40, p = 0,690$].

Autoestima e satisfação com a vida como possíveis preditores do consumo

A regressão logística, com recurso ao método “Enter”, mostra que nenhuma variável independente (autoestima e satisfação com a vida) tem poder preditivo sobre a variável dependente consumo de álcool ($G^2(2) = 0,659; p = 0,719$) e a variável dependente consumo de outras substâncias que não o álcool ($G^2(2) = 0,670; p = 0,715$). Sendo $X^2_{HL}(8) = 10,56, p = 0,228$ (consumo álcool) e $X^2_{HL}(8) = 4,965, p = 0,761$ (consumo de substâncias que não o álcool), podemos concluir que os valores estimados pelo modelo são próximos dos valores observados. As variáveis autoestima ($X^2_{Wald}(1) = 0,650; p = 0,420$) e satisfação com a vida ($X^2_{Wald}(1) = 0,285; p = 0,594$) não apresentam um efeito estatisticamente significativo sobre a probabilidade dos participantes consumirem álcool, ou outras substâncias que não o álcool [autoestima ($X^2_{Wald}(1) = 0,006; p = 0,937$)] e [a satisfação com a vida ($X^2_{Wald}(1) = 0,446; p = 0,504$)].

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo evidenciou que o álcool foi a substância psicoativa de consumo mais expressivo na amostra dos estudantes do ensino superior (79,8%), o que está em concordância com a literatura (e.g., Santos, 2011; Silva & Petroski, 2012; Borrego et al., 2013; Miech, Johnston, O'Malley, Bachman, & Schulenberg, 2015; Medeiros, 2017; Araújo, Vieira, & Mascarenhas, 2018; Araújo & Medeiros, 2020). Por outro lado, as substâncias

menos consumidas foram as anfetaminas (1,8%).

A percentagem do consumo de cocaína na amostra foi superior (13,2%) em relação àquelas observadas na maioria dos estudos com estudantes do ensino superior, que tendem a não ultrapassar os 5% (e.g., Calado, 2011; Freitas et al., 2012; Araújo, 2015; Araújo, Vieira, & Mascarenhas, 2018; Araújo & Medeiros, 2020).

Quando o consumo dos estudantes do ensino superior se limita ao álcool, a literatura da especialidade não é unânime relativamente ao consumo por sexo, tendo os resultados dependido das amostras utilizadas. A este propósito, e numa metanálise de 21 países, Dantzer e colaboradores (2006) encontraram grande variabilidade cultural no consumo desta substância. Nalguns países, por exemplo nos Estados Unidos da América, encontraram uma relação com variáveis como a religião, a raça, o consumo dos progenitores, o desporto e a saída de casa para frequentar o ensino superior. No Brasil, em estudantes de uma amostra do curso de Farmácia, Prado e colaboradores (2006) verificaram que 90,3% já tinham experimentado álcool e o consumo era mais incidente no sexo masculino. Percentagem idêntica foi identificada num estudo português com uma amostra de Coimbra (Martins, Coelho & Ferreira, 2010). No presente estudo não foram encontradas diferenças entre os sexos quanto ao consumo de álcool. Estes resultados estão em concordância com os obtidos por Cunha, Peuker e Bizarro (2012), mas não vão no sentido de outros estudos em que se verificou que o sexo masculino consumia mais álcool do que o feminino (e.g., Delucchi, Matzger, & Weisner, 2008; Colares, Franca, & Gonzalez, 2009; Pimentel, 2010, Silva & Petroski, 2012; Medeiros, 2013). Por outro lado, o estudo de Araújo e Medeiros (2020), com uma amostra também de adultos emergentes, mostrou que o sexo feminino consumia mais álcool do que o masculino, provavelmente devido a uma crescente feminilização do ensino superior e afirmação identitária.

A literatura indica que os indivíduos do sexo masculino tendem a apresentar maiores níveis de consumo de substâncias psicoativas, com maior frequência, em relação aos do sexo feminino (e.g., Miech et al., 2015), o que foi verificado na presente investigação à exceção do álcool. Os resultados do nosso estudo mostram que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre sexos nos níveis de consumo de substâncias de venda não livre, tendo-se verificado que, proporcionalmente, os homens apresentam maiores níveis de consumo de, pelo menos, uma destas substâncias (71,4%) em relação às mulheres (48,2%). Esta diferença significativa entre sexos vai ao encontro daquela observada nos estudos de McCabe, Knight, Teter e Wechsler (2005) e de Araújo (2015). De referir que o consumo de, pelo menos, uma substância de venda não livre em estudantes do ensino superior é muito mais prevalente na amostra em estudo (71,4% nos homens e 48,2% nas mulheres) do que em alguns estudos epidemiológicos, os quais indicam que cerca de 26% dos estudantes do sexo masculino e 19,2% do sexo feminino manifestam o consumo deste tipo de substâncias (Agência de Serviços em Abuso de Substâncias e Saúde Mental dos Estados Unidos, 2014). Mais de metade dos estudantes da mostra

(54,4%) revelaram o consumo de, pelo menos, uma destas substâncias, sendo que se verificou que a mais consumida foi a *cannabis*; este último resultado vai no mesmo sentido do que foi encontrado por Arria e colaboradores (2008).

Relativamente ao consumo de álcool e a autoestima observou-se que não existem diferenças significativas nos níveis de autoestima entre os estudantes que consomem álcool e os que não consomem, tal como encontrado por Araújo (2015) e Araújo e Medeiros (2020). Esta observação manteve-se na comparação entre sexos, ou seja, a autoestima não diferiu entre os indivíduos consumidores e não consumidores de álcool, tanto nos homens como nas mulheres. Agante, Grácio, Brito e Rodrigues (2010), por sua vez, verificaram a existência de uma correlação negativa entre a autoestima e o consumo de álcool no sexo feminino (i.e., níveis mais elevados de consumo de álcool estavam associados a níveis mais baixos de autoestima nas mulheres).

No que respeita ao consumo de *cannabis*, a presente investigação não permitiu observar diferenças significativas de autoestima entre o grupo dos estudantes que consomem esta substância e o grupo daqueles que não a consomem. Khajedaluae, Zavar, Alidoust, & Pourandi (2013) já tinham verificado que a autoestima não diferia significativamente entre um grupo de adolescentes que consumia *cannabis* e um grupo que não consumia.

Ao nível da variável a satisfação com a vida seria expetável uma associação negativa com o consumo de álcool, isto é, um maior consumo de álcool associado a menores níveis de satisfação com a vida, tal como verificado por Zerihun, Birhanu e Kebede (2014). Não obstante, no presente estudo tal não se verificou, uma vez que os níveis de satisfação com a vida foram semelhantes no grupo dos estudantes consumidores e no grupo dos não consumidores. Estes resultados evidenciaram que estas variáveis eram independentes, o que vai no mesmo sentido dos estudos de Grant e colaboradores (2009), Medeiros (2013) e Araújo e Medeiros (2020), levantando-se a hipótese do consumo álcool nos estudantes ser mais recreativo, mais concentrado em práticas de convivência em grupo e excessivo em ocasiões académicas festivas e ritualizadas.

Do mesmo modo, a satisfação com a vida também não diferiu entre o grupo dos estudantes consumidores e não consumidores de *cannabis*. Outros estudos encontraram uma relação negativa entre o consumo desta substância e a satisfação com a vida (i.e., indivíduos com menores níveis de satisfação com a vida tendiam a consumir mais) (Tartaglia, Miglietta, & Gattino, 2016). Apesar do estudo de Allen e Holder (2013) não ter observado uma associação significativa entre a frequência do consumo da *cannabis* e a satisfação com a vida, a mesma investigação verificou uma relação negativa entre as consequências negativas resultante do consumo de *cannabis* e o bem-estar positivo, bem como uma relação positiva entre estas consequências negativas e o bem-estar negativo.

Por fim, verificou-se que nem a variável autoestima e nem a satisfação com a vida foram preditoras do consumo de substâncias psicoativas nesta amostra. A relação independente entre estas variáveis já havia sido parcialmente encontrada noutros estudos,

mormente a não relação do consumo de álcool e a satisfação com a vida (Medeiros, 2013; Araújo & Medeiros, 2020).

CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES

Dada a prevalência do consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino superior, a presente investigação explorou o conhecimento deste consumo numa amostra de estudantes pertencentes aleatoriamente a oito instituições de ensino superior, bem como tentou compreender as associações entre consumo e as variáveis autoestima e satisfação com a vida.

Conclui-se que o álcool foi a substância mais consumida pelos estudantes da amostra, seguida do consumo de *cannabis*. Ao invés, as substâncias menos consumidas foram a cocaína e as anfetaminas.

Conclui-se que o consumo de substâncias não diferiu entre sexos em relação ao consumo de álcool, mas diferiu significativamente relativamente às outras substâncias psicoativas.

Conclui-se ainda que as variáveis pessoais autoestima e a satisfação com a vida não diferiram significativamente entre os estudantes que ingeriam álcool e os que não ingeriam, nem entre os que consumiam *cannabis* e os que não consumiam. Conclui-se também que as variáveis autoestima e a satisfação com a vida não foram preditoras do consumo de substâncias psicoativas nesta amostra, o que leva a pensar que o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes parece indiciar, sobretudo, uma cultura estudantil ligada ao grupo de pares e amigos e à conceção de divertimento e prazer.

Este estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente o reduzido número da amostra, apesar da vantagem da diversidade de pertença a diferentes instituições de ensino superior; e a utilização de questionários de autopreenchimento, o que pode ter enviesado os resultados através de respostas de deseabilidade social. Por outro lado, a elevada disparidade entre o número de participantes por sexos (24,6% masculino e 74,6%, feminino) pode ter influenciado as análises de comparação entre sexos (e.g., consumo de substâncias). Por último, nas análises efetuadas, foi considerado o consumo de substâncias descurando a frequência do consumo das mesmas, o que pode ter tido um impacto na frequência relativa do consumo de substâncias, assim como nas análises da autoestima e satisfação com a vida entre o grupo de estudantes que consome e o que não consome uma substância psicoativa específica.

Dadas as possíveis consequências negativas do consumo abusivo (e.g., baixo rendimento académico, abandono do ensino superior, etc.) e as implicações do consumo de substâncias psicoativas por adultos emergentes em outros comportamentos de risco (e.g., relações sexuais desprotegidas, acidentes e mortes), sugere-se que estudos futuros explorem o consumo deste tipo de substâncias em estudantes do ensino superior em

amostras mais robustas, tendo em conta a frequência do mesmo (e.g., consumo esporádico, aos fins de semana, diário), e eventualmente em diferentes contextos socioculturais, por forma a aprofundar o conhecimento sobre esta temática.

Atendendo a que o consumo de substâncias psicoativas por estudantes do ensino superior é um assunto preocupante na saúde e que tem múltiplas consequências, as instituições de ensino superior não podem ignorar o assunto e devem ter um papel mais ativo na prevenção do consumo e na promoção de comportamentos de saúde entre os estudantes.

Acredita-se que o presente estudo possa ser mais um contributo para o desenvolvimento de programas de prevenção sobre o consumo de substâncias psicoativas em adultos emergentes e de promoção de comportamentos de saúde nos estudantes do ensino superior.

REFERÊNCIAS

Abreu, T. T., Maurílio, A. O., Liguori, C. C., Tavares, D. V. P., Terceiro, D. M. G., Cunha, L. G. M., ... Silva, A. E. (2018). O consumo de bebida alcoólica e o binge drink entre os graduandos de Medicina de uma Universidade de Minas Gerais. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 67(2), 87–93. doi:10.1590/0047-2085000000190

Agante, D., Grácio, J., Brito, I., & Rodrigues, V. (2010). Eles e elas: Auto-estima e consumo de bebidas alcoólicas em estudantes de ensino superior. *Revista de Psicologia*, 1(2), 563-574. Retirado de http://infad.eu/RevistaINFAD/2010/n1/volumen2/INFAD_010222_563-574.pdf

Agência de Serviços em Abuso de Substâncias e Saúde Mental dos Estados Unidos. (2014). Results from the 2013 national survey on drug use and health: Summary of national findings. *NSDUH Series H-48, HHS Publication No. (SMA) 14-4863*. Rockville, MD: Autor.

Allen, J., & Holder, M. D. (2014). Marijuana use and well-being in university students. *Journal of Happiness Studies*, 15(2), 301–321. doi:10.1007/s10902-013-9423-1

Araújo, E. (2015). *Comportamentos de risco em jovens universitários: Consumo de substâncias psicoativas* (Dissertação de mestrado). Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal. Retirado de: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3750/2/DissertMestradoElisabeteViveirosAraujo2016.pdf>

Araújo, E., & Medeiros, T. (2020). Padrões de consumo de álcool em adultos emergentes. In *Psicologia: Desafios, perspetivas e possibilidades* (vol. 2; cap.27; pp.233–244). Brasil: Editora Científica Digital. Doi. 10.37885/200500219

Araújo, C. M., Vieira, C. X., & Mascarenhas, C. H. M. (2018). Prevalência do consumo de drogas lícitas e ilícitas por estudantes universitários. *Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas*, 14(3), 144–150. doi:10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000342

Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469

Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood. The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford: University Press.

Arria, A. M., Caldeira, K. M., O'Grady, K. E., Vincent, K. B., Fitzelle, D. B., Johnson, E. P., & Wish, E. D.

(2008). Drug exposure opportunities and use patterns among college students: Results of a longitudinal prospective cohort study. *Subst. Abuse.*, 29(4), 19–38. doi:10.1080/08897070802418451

Bedendo, A., Andrade, A. L. M., Opaleye, E. S., & Noto, A.R. (2017). Binge drinking: A pattern associated with a risk of problems of alcohol use among university students. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 25, e2925. doi:10.1590/1518-8345.1891.2925

Borrego, R., Silvestre, S., Ferreira, V. S., Rowland, J., Truninger, M., Alcântara da Silva, P., Lavado, E., & Melo, R. (2013). *Consumos e estilos de vida dos estudantes do ensino superior. Resultados preliminares*. Projeto de responsabilidade social ComSUMOS Acadêmicos. Universidade de Lisboa.

Calado, C. R. (2011). *Consumo de drogas lícitas e não lícitas no estudante universitário* (Dissertação de mestrado). Universidade de Aveiro.

Cardiga, A. A. (2016). *A satisfação com a vida, o bem-estar psicológico e o suporte social entre idosos institucionalizados e não institucionalizados* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal. Retirado de <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3509/1/DissertMestradoJoanaCarolinaAlmeidaMaia2015.pdf>

Cardoso, F. M., Barbosa, H. A., Costa, F. M., Vieira, M. A., & Caldeira, A. P. (2015). Fatores associados à prática do binge drinking entre estudantes da área da saúde. *Revista CEFAC*, 17(2), 475–484. doi:10.1590/0047-2085000000190

Colares, V., Franca, C., & Gonzalez, E. (2009). Condutas de saúde entre universitários: Diferenças entre gêneros. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(3), 521–528. doi:10.1590/S0102-311X2009000300007

Dantzer, C., Wardle, J., Fuller, R., Pampalone, S. Z., & Steptoe, A. (2006). International study of heavy drinking: Attitudes and sociodemographic factors in university students. *Journal of American College Health*, 55(2), 83–89.

Delucchi, K. L., Matzger, H., & Weisner, C. (2008). Alcohol in emerging adulthood: 7-year study of problem and dependent drinkers. *Addictive Behaviors*, 33, 134–142. doi:10.1016/j.addbeh.2007.04.027

Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71–75. doi:10.1207/s15327752jpa4901_13

Ferreira, A. S. (2019). *Florescimento, satisfação com a vida e seus correlatos em idosos* (Tese de doutoramento). Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Retirado de https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8162/1/DM_Anabela%20Ferreira.pdf

Grant, N., Wardle, J., & Steptoe, A. (2009). The relationship between life satisfaction and health behavior: A cross-cultural analysis of young adults. *International Journal of Behavioral Medicine*, 16(3), 259–268. doi:10.1007/s12529-009-9032-x

Jones, S. E., Oeltmann, J., Wilson, T. W., Brener, N. D., & Hill, C. V. (2001). Binge drinking among undergraduate college students in the United States: implications for other substance use. *Journal of American College Health*, 50(1), 33–38. doi:10.1080/07448480109595709

Khajedaluae, M., Zavar, A., Alidoust, M., & Pourandi, R. (2013). The relation of self-esteem and illegal drug usage in high school students. *Iranian Red Crescent Medical Journal*, 15(11), e7682. doi:10.5812/ircmj.7682

Martins, J. S., Coelho, M. S., & Ferreira, J. A. (2010). Hábitos de consumo de álcool em estudantes do ensino superior universitário: Alguns dados empíricos. *Psicologica*, 53, 397–411.

- McCabe, S. E., Knight, J. R., Teter, C. J., & Wechsler, H. (2005). Non-medical use of prescription stimulants among US college students: prevalence and correlates from a national survey. *Addiction*, 100(1), 96–106. doi:10.1111/j.1360-0443.2005.00944.x
- Medeiros, T. (2008). Em torno dos conceitos de adolescência, adultez emergente e adultez. *Revista Arquipélago – Série Ciências da Educação*, 9, 196–216.
- Medeiros, T. (2013). O consumo de álcool em adultos emergentes. In T. Medeiros, L. Patrício, & R. Dinis (Eds.), *Aditologia: Prevenção e intervenções* (pp. 29–54). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Medeiros, T. (2017). *Alcohol consumption and entertainment in college students*. Comunicação apresentada no Congresso Dual Disorders: Addictions and other Mental Disorders - Madrid (Espanha).
- Medeiros, T. L. Patrício, L., & Dinis, R. (Eds.) (2013). *Aditologia: Prevenção e intervenções*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Miech, R. A., Johnston, L. D., O'Malley, P. M., Bachman, J. G., & Schulenberg, J. E. (2015). *Monitoring the future national survey results on drug use, 1975-2014: Volume II, College students and adults ages 19-55*. Ann Arbor (MI): Institute for Social Research, The University of Michigan.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2018). Adultez emergente: Na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @mbienteeducacao*, 2(1), 129–137. Retirado de <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/545>
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. Nova Iorque, EUA: McGraw-Hill.
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência. (2018). *Relatório Europeu sobre drogas: Tendências e evoluções*. Retirado de https://www.emcdda.europa.eu/system/files/publications/8585/20181816_TDAT18001PTN_PDF.pdf
- O'Malley, P. M., & Johnston, L. D. (2002). Epidemiology of alcohol and other drug use among American college students, *Journal of Studies on Alcohol*, 14, 23–39. doi:10.15288/jsas.2002.s14.23
- Patrício, L. (2002). *Droga. Para que se saiba*. Lisboa: Livraria Figueirinhas.
- Patrício, L. (2006). *Droga. Aprender para prevenir*. Lisboa: Dias Patrício, Psiquiatria e Medicina Lda.
- Patrício, L. (2013). Tratamento e prevenção da recidiva: Mitos e realidades. In T., Medeiros, L., Patrício, & R. Dinis (Eds.), *Aditologia: Prevenção e intervenções* (pp.149-164). Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições.
- Patrício, L. (2020). *Dependências de heroína. Medicamentos opióides, novidades e necessidades*. Lisboa: Para o Projeto Pedagógico. Mala de Prevenção (edição digital) <https://onedrive.live.com/?id=5D1E69A7005F9F6F&parId=5D1E69A7005F9F6F%2112465&parId=5D1E69A7005F9F6F%211108&o=OneUp>
- Perkins, H. W. (2002). Surveying the damage: A review of research on consequences of alcohol misuse in college populations. *Journal of Studies on Alcohol. Supplement*, 14, 91–100.
- Pimentel, M. H. (2010). *Hábitos de vida e saúde. O quotidiano dos estudantes do Instituto Politécnico de Bragança*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Universidade do Minho. Braga.
- Pimentel, M. H., Mata, M. A. P., & Anes, E. M. G. J. (2013). Tabaco e álcool em estudantes: Mudanças decorrentes do ingresso no ensino superior. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(1), 185–204.

Prado, D. S., Santana de Azeredo, F., Oliveira, T. B., & Garrote, C. F. D. (2006). Uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas por estudantes de farmácia da Universidade Federal de Goiás. *Infarma*, 18 (11/12), 3–9.

Rodrigues, L. V. (2014). *Autoconceito, autoestima e escolha do parceiro ideal* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal. Retirado de <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/6020/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Liliana%20Rodrigues.pdf?sequence=1>

Rosenbaum, J. E. (no prelo). Higher education among the “forgotten half”: The association between substance use and college completion among 2-year college students versus matched 4-year college students from a nationally representative longitudinal study. *Health Economics & Outcomes Research*. doi:10.21203/rs.2.15476/v1

Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Santos, M. L. R. R. (2011). *Saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários* (Tese de doutoramento). Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Seco, G. M. S. B. (1991). *O auto-conceito escolar em educadoras de infância: Um estudo transversal* (Tese de Mestrado não publicada). Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Silva, D. A. S., & Petroski, E. L. (2012). The simultaneous presence of health risk behaviors in freshman college students in Brazil. *Journal of Community Health*, 37, 591-598. doi:10.1007/s10900-011-9489-9

Silveira, P. M. D., Borgatto, A. F., Silva, K. S. D., Oliveira, E. S. A. D., Barros, M. V. G. D., & Nahas, M. V. (2015). Criação de uma escala de satisfação com a vida por meio da teoria da resposta ao item. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 64(4), 272–278. doi:10.1590/0047-2085000000089

Silveira, D. X., & Silveira, E. B. D. (2017). Substâncias psicoativas e seus efeitos. Retirado a 24 de abril, 2020 de <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094213-001.pdf>

Skidmore, C. R., Kaufman, E. A., & Crowel, S. E. (2016). Substance use among college students. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 25, 735-753. doi:10.1016/j.chc.2016.06.004

Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma Escala de Satisfação com a Vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI (3), 103–115.

Tartaglia, S., Miglietta, A., & Gattino, S. (2016). Life satisfaction and cannabis use: A study on young adults. *Journal of Happiness Studies*, 18, 709–718. doi:10.1007/s10902-016-9742-0

Zerihun, N., Birhanu, Z., & Kebede, Y. (2014). Does life satisfaction correlate with risky behaviors? Finding from Ethiopian higher education students. *Global Journal of Research and Review*, 1(1), 1–12. Retrieved from <https://www.imedpub.com/articles/does-life-satisfaction-correlate-with-risky-behaviors-finding-from-ethiopian-higher-education-students.php?aid=10069>

SOBRE A ORGANIZADORA

ISABELLE CERQUEIRA SOUSA - Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) Ceará, com Especializações em: Psicopedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC), Desenvolvimento Neuropsicomotor no Instituto Brasileiro de Reeducação Motora (IBRM) no Rio de Janeiro, Pós-graduação Lato sensu em NeuroAprendizagem no Centro Universitário (UNICHRISTUS). Obteve seu Mestrado em Educação Especial na Universidade Estadual do Ceará (UECE). É Doutoranda em Saúde Coletiva na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Como Terapeuta Ocupacional trabalhou durante 12 anos na área do desenvolvimento de crianças e jovens com déficit intelectual na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais APAE de Fortaleza, e atuou também com atendimentos clínicos e Terapia Ocupacional domiciliar. Como docente ministrou disciplinas na área da Educação Especial/inclusiva em Cursos de Especialização na Universidade Vale do Acaraú (UVA Ceará), foi também professora convidada na Universidade Estadual do Ceará e na Universidade de Fortaleza. No Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS) trabalhou com gestão educacional como Supervisora Acadêmica e Operacional durante 12 anos nos cursos da saúde. No referido Centro Universitário atuou também como: parecerista do Comitê e Ética e Pesquisa (CEP), e foi membro da Comissão Própria de Avaliação institucional (CPA). É orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nas áreas da educação e saúde no Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS) e Consultora na coordenadora da Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Escolar do Centro Universitário 7 de Setembro (UNI 7) em Fortaleza-CE. Atualmente por ocasião do Doutorado em Saúde Coletiva (UNIFOR) participa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde nos Espaços Educacionais (NEPSEE), cadastrado na Plataforma de Pesquisa do CNPq. É Revisora ad hoc da Revista Brasileira em Promoção da Saúde (RBPS) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). É avaliadora de periódicos no segmento de educação e saúde, membro do Conselho Técnico Científico e revisora de E-books da Editora Atena. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9927536298829197>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5131-3395>. E-mail: isabellecerq@yahoo.com.br.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Aduldez emergente 124, 125, 139
- Aprendizado ativo 90
- Atenção Primária À Saúde 16, 18, 20, 21, 28, 29, 33, 43
- Atividades Científicas e Tecnológicas 117
- Aulas práticas 57, 76, 77, 101, 102, 104
- Autoestima 124, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 140

C

- Consumo de substâncias 124, 125, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137

E

- Educação Médica 19, 20, 43, 68, 71, 72, 84, 88, 90, 96, 97, 115, 123
- Educação nas Escolas 64
- Emergência 38, 39, 40, 41, 42, 43, 55, 57, 58, 59, 60, 74, 79, 95, 123
- Enfermagem em centro cirúrgico 45, 47, 48, 53
- Enfermagem em Saúde 60
- Ensino superior 2, 10, 11, 17, 25, 105, 108, 114, 116, 117, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 133, 134, 136, 137, 138, 139
- Estágio clínico 55
- Estudantes 2, 10, 14, 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 43, 47, 53, 64, 65, 66, 73, 78, 79, 80, 83, 85, 87, 95, 118, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140
- Estudantes universitários 124, 126, 137, 140
- Extensão Universitária 42, 68

F

- Fisioterapia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 13, 14, 92
- Fonoaudiologia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 13, 14
- Formação em saúde 1, 2, 20, 29
- Formação universitária 101

G

- Gerenciamento da prática profissional 101

I

Instrumentação 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

L

Libras 98, 99, 100

Ligas acadêmicas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 89, 91, 93, 94, 97

M

Medicina 18, 19, 28, 43, 54, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 95, 96, 98, 137, 139

Medicina Comunitária 64, 86

Metodologias Ativas 32, 54, 85, 88

N

Neurologia 1, 3, 4, 5, 10, 12

O

Olhar docente 101

Q

Qualidade de vida 27, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129

R

Recursos tecnológicos 72, 73

S

Saúde Mental 32, 33, 35, 36, 37, 95, 96, 118, 120, 127, 134, 137

Serviços de Integração Docente-Assistencial 16

Simulação realística 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79

Síndrome de Burnout 118, 119, 122, 123

Surdez 98, 99

T

Terapia Ocupacional 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 13, 141

U

Universidade 1, 7, 12, 14, 15, 16, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 47, 53, 55, 60, 71, 80, 89, 92, 94, 96, 101, 102, 103, 104, 105, 123, 124, 137, 138, 139, 140, 141

V

Visita Domiciliar 32, 33

Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Ciências da Saúde no Brasil: Impasses e Desafios

4

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

